



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

OS RELATOS DE VIDA DOS JOVENS DA EJA: ESCOLA, COTIDIANO E PROJETOS

Mariane Brito da Costa
Universidade Federal Fluminense
Mariane-costa@ig.com.br

1. Introdução

Nos últimos anos, diversos autores, como Andrade (2004) e Miletto (2009), assim como Cesana, Foltran e Marques (apud HADDAD, 2002, p. 51-63), vêm produzindo importantes estudos acerca do abandono escolar e do retorno à modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). Entretanto, embora existam pesquisas que versem sobre o mesmo objeto de estudo, isso não quer dizer que todas se debruçam sobre os mesmos recortes ou elementos de análise. Cada autor privilegia um recorte específico da realidade, com modo de olhar próprio, uma inquietação que o move de forma particular à pesquisa e à escrita.

A direção empreendida nesta pesquisa volta-se para uma perspectiva de análise biográfica dos jovens da EJA, objetivando vislumbrar uma forma específica de construir o objeto e de se aproximar da realidade social diante das antigas e atuais produções sobre o assunto. Propõe-se, com esta pesquisa, contribuir para o conhecimento mais aprofundado da realidade dos jovens da EJA, partindo da instituição escolar enquanto espaço de circulação de saberes de diferenciadas ordens e de subjetividades múltiplas. Ter-se-á como recorte institucional um colégio da rede estadual de ensino, em nível de segundo segmento do ensino fundamental, localizado no município de Nova Iguaçu.

A concepção da EJA tem sustentado durante muitos anos uma história marcada por estratégias de enfrentamento ao analfabetismo e à baixa escolaridade da população brasileira que vive em zonas de vulnerabilidade. Os estudos disponíveis parecem sugerir que muitos jovens e adultos que procuram ou se encontram nessa modalidade de ensino são advindos das classes populares, pertencentes a famílias que ocupam as margens da sociedade:

Considerando ser a EJA uma modalidade educativa direcionada, basicamente, para os setores mais vulneráveis, do ponto de vista socioeconômico, e que seus atores carregam marcas profundas causadas pela desigualdade das oportunidades sociais e educativas (ANDRADE, 2004b, p. 17).



No entanto, nas últimas décadas a EJA vem se deparando com a presença cada vez maior de um público de jovens heterogêneo em termos de condições de vida e de interesses educacionais. Essa mudança no perfil do aluno que se matricula a EJA nos incita a desvendar os percursos biográficos dos jovens e a identificar entre esses sujeitos algum grupo que se situe em outra classe social. No bojo dessa discussão, cabe perguntar: Como são os modos de vida dos jovens matriculados na EJA? Há diferenças entre as suas condições de vida? Há diferenças entre o nível de escolarização dos jovens da EJA em relação à sua família (pai, mãe)?

O objetivo da pesquisa constituiu-se em identificar, nas experiências individuais, os contextos de abandono e de retorno à escola dos sujeitos que se encontram matriculados no segundo segmento do ensino fundamental nessa modalidade de ensino. Para consecução desse objetivo, foram tomadas como objeto de investigação as experiências individuais que obrigam os jovens a abandonar a escola e, posteriormente, a retomar o processo de escolarização, de maneira a situá-los em um contexto tempo-espacial, o que inclui desvendar as relações sociais dos jovens com outras instâncias de socialização para além da escola.

Metaforicamente, a vida dos jovens que se encontram matriculados na EJA é uma grande corrida e eles representam os corredores que almejam chegar ao primeiro lugar. Nessa representação, a escola é o ponto de partida para se lograr alcançar projetos e concretizar sonhos. Muitos corredores, entretanto, desistem ou desanimam do embate. Na vida escolar não é diferente. Não são todos que cruzam a linha de chegada. Muitos, no meio da corrida, mesmo estando perto de vencer, desistem. Outros, por se considerarem longe demais da faixa de chegada, esmorecem. Mas há aqueles que, mesmo tendo à frente grandes adversários, não se deixam abater e continuam correndo, não permitindo que os obstáculos interrompam sua trajetória.

Nessa corrida, esses jovens acabam encontrando pessoas e espaços sociais que os incentivam a retornar aos estudos, fazendo com que reencontrem a escola com os olhos fixos na linha de chegada. Eventualmente, observam os que estão na iminência de ultrapassá-los, mantendo a visão na direção dos objetivos a serem conquistados. E o que poderia ser a linha de chegada para os jovens da EJA? A certificação? A mobilidade social? O orgulho de ser escolarizado? Um posto de trabalho? Não dá para negligenciar também o prazer puro e simples pela corrida, independentemente da colocação final. Esse outro elemento coloca em jogo o prazer de estar na escola.



Do ponto de vista metodológico, foi utilizada a abordagem biográfica que me proporcionou a apreensão das experiências adquiridas pelos jovens em seus percursos biográficos, assim como a revelação de sucessivos acontecimentos, situações, projetos e ações. A utilização do relato de vida possibilitou uma aproximação da realidade vivida pelos jovens e das situações que os impulsionaram a tomar determinadas decisões, mostrando-me a sua maneira de enfrentar os percalços cotidianos. Segundo Pais (2001, p. 87), os seus “relatos nos permitem a reconstrução dos conteúdos da vida, ao considerarem-na, do presente, revisitando-a, filtrando-a por diversas categorias, desenvolvendo uma lógica narrativa que procura dotar de sentido o que se conta”.

A reflexão sobre as narrativas dos jovens nos possibilitou interpretar as suas biografias e, em especial, aquilo que se refere às trajetórias escolares, levando-nos a compreender como os contextos não escolares contribuíram para que o retorno à escola se efetivasse, mostrando-nos o real significado da escola em seu processo de formação. Apresentaremos neste trabalho, a análise da narrativa de uma jovem da EJA considerada fundamental para demonstrar com nitidez aquilo que move esta pesquisa, trazendo a narrativa de uma jovem da EJA que não silenciou as suas experiências, apesar do processo de silenciamento na escola.

2. As narrativas de uma jovem da EJA

Os acontecimentos na vida de Maria remetem à reflexão da histórica Fênix, um pássaro da mitologia grega que, quando morria, entrava em autocombustão e, passado algum tempo, renascia das próprias cinzas.

A trajetória de Maria assemelha-se à dessa figura mitológica porque, ao longo de sua existência, ela vivenciou situações-limite que a levaram ao mais profundo sofrimento. No entanto, após cada embate, ela ressurgia vitoriosa, dirigindo o seu destino à revelia dos acontecimentos.

Maria Fênix é uma jovem de 26 anos, parda, que se declara casada. A entrevista foi realizada em uma sala vazia da escola onde ela estuda. Quando a conheci, pensei que estava entrevistando uma mulher mais velha. Fiquei surpresa ao verificar a sua idade.

Com voz suave e simples no falar, Maria Fênix começou a narrar sua trajetória, contando-me os motivos que a fizeram abandonar a vida escolar e a ela retornar após 12 anos.



De família humilde, ela morava em um sítio, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, com seus pais e suas cinco irmãs, até aproximadamente os 12 anos de idade.

Ela guarda boas recordações de quando cursava a quarta série do primeiro segmento do ensino fundamental. Segundo ela, os professores eram bons e compreendiam as dificuldades de aprendizagem que ela e suas irmãs enfrentavam e a falta de apoio de seus pais. Estes, por sua vez, não possuíam qualquer grau de escolaridade – eram analfabetos.

Eu tinha uma dificuldade grande em aprender. A minha família é uma família pobre e eu não tinha quem me ensinasse. A minha mãe e meu pai eram analfabetos. A gente só tinha a escola pra aprender.

Maria Fênix relata que, quando sua professora do primeiro segmento do ensino fundamental soube dos acontecimentos que a levaram a abandonar a escola, conversou com ela e lhe pediu que não deixasse de estudar no outro município em que ela iria residir:

Tive boas recordações da escola. Os professores eram bons, a professora sempre entendia a nossa dificuldade de estudar. Ela me ajudou muito, tanto, que não queria que eu parasse. Pedi para que eu voltasse a estudar em outra escola, mas eu não pude voltar, porque foi uma dificuldade muito grande com a perda do meu pai.

O abandono escolar foi ocasionado por fatos alheios à sua vontade. Ela narra que seu pai, certo dia, no sítio onde desempenhava a função de caseiro, sofreu um acidente, em consequência do qual veio a falecer, deixando a família em uma situação muito difícil, pois era o único que sustentava a família.

Em decorrência de sua morte, a dona do sítio solicitou que sua mãe deixasse a casa juntamente com as filhas, porque a permanência da família no sítio não fazia mais sentido sem o vínculo empregatício. Devido a esses acontecimentos, Maria Fênix abandonou a escola, posto que ela precisou mudar de moradia e ajudar sua família, tanto no plano emocional quanto no financeiro, por ser a filha mais velha.

Com a perda do meu pai, quando o meu pai faleceu, a nossa vida mudou bastante, porque a moça queria o sítio, porque não tinha mais quem trabalhasse. Então, a gente teve que sair do sítio e fomos morar no Lagoinha, na casa da minha avó, e eu tive que trabalhar na casa de família pra ter a minha roupa, meu calçado, minhas coisas.

Analisando tais acontecimentos, compreende-se que a sua decisão de abandonar os estudos adveio da desestruturação familiar ocorrida com a morte de seu pai. Tal desestruturação reforça a imagem da figura masculina como aquele que mantém o sustento e preserva a família de problemas sociais externos.



Percebe-se que a falta de estratégias de escolarização no seio familiar das camadas populares influencia a permanência ou evasão dos jovens na escola. Zago (2000, p. 20) destaca que, nas camadas populares,

[...] embora a maioria ingresse na escola conforme os ditames previstos, isto é, aos seis anos de idade, geralmente a continuidade do percurso transcorre de forma oposta ao ideal tipo, entendendo-se aqui a adequação idade-série e permanência na escola até os 14 anos.

Diante de tal situação, sem ter para onde ir, a mãe de Maria Fênix decidiu entregar as filhas para outras pessoas cuidarem. Suas duas irmãs mais novas foram doadas para uma família desconhecida. Sua irmã Roberta foi morar com a família do cunhado de sua mãe. Diana e Maria Fênix, as filhas mais velhas, foram, juntamente com sua mãe, hospedar-se na casa de sua avó adotiva, em uma casa no município de Nova Iguaçu. Até hoje Maria Fênix não tem contato com suas irmãs e sente falta desse vínculo familiar, guardando apenas recordações da época em que eram mais novas e uma mágoa em relação a sua mãe, devido ao sofrimento que passou na época em que suas irmãs foram doadas:

Eu tinha, acho, que 12 pra 13 anos naquela época. Minha mãe tinha problema de bronquite crônica, ela não tinha condições de trabalhar e ficar com as minhas irmãs, porque ela recebia um salário só, que era um salário mínimo pelo INSS e ela sustentava cinco filhas; por isso que ela teve que dar as minhas irmãs, não tinha quem ajudasse a gente.

Depois que foi morar com a avó adotiva, Maria não teve mais oportunidade de estudar, tendo de arranjar um emprego em casa de família para ajudar na renda mensal de sua nova casa e para atender às suas necessidades básicas:

Eu acordava seis horas da manhã e começava a fazer o meu serviço, que era varrer a casa, passar pano, lavar o banheiro, colocava a roupa na máquina e também ficava fazendo os serviços que ela não fazia durante o dia.

Diante dessa nova situação, o trabalho passou a ser, para Maria Fênix, a única alternativa para atender às suas necessidades, enquanto enfrentava a dura realidade de não receber a assistência que necessitava e desejava de sua mãe.

Partindo dessa realidade, a inserção dos jovens no mercado trabalho precocemente não é apenas uma opção, mas uma forma de satisfazer às suas necessidades de sobrevivência, advindas de sua origem social e familiar. Essa inserção inicia-se, muitas vezes, quando criança ou adolescente, movida mais pela necessidade de ajudar no orçamento familiar. Esse fato retrata a realidade de muitos “jovens filhos de trabalhadores que residem em bairros



populares ou favelas das médias e grandes cidades do Brasil” (FRIGOTTO, 2004, p. 181-182).

Depois de um ano morando com sua avó e trabalhando em casa de família, Maria Fênix conheceu o homem que hoje é seu marido. Oriundo do Espírito Santo, onde morava com seus pais, mudou-se para o Rio de Janeiro, em busca de trabalho, indo morar na casa de uma irmã. Segundo Maria, seu companheiro, na época, trabalhava como repositor em um supermercado, arrumando e descarregando mercadorias, permanecendo nesse serviço por 15 anos.

Quando conheceu seu companheiro, ele tinha 24 anos de idade e possuía o ensino fundamental incompleto, pois também havia abandonado a escola na adolescência. Com menos de um ano de namoro, Maria Fênix decidiu morar com ele, na casa da irmã dele, localizada no mesmo bairro em que sua avó reside.

Segundo Maria, sua mãe não se importou quando ela tomou a decisão de ir morar com o rapaz, mesmo tendo apenas 14 anos de idade. Percebe-se que aquele relacionamento simbolizava, para ela, o desejo de ser assistida e de ter alguém a seu lado. Representava, também, uma nova fase a ser conquistada e o alcance de uma segurança diante da falta de estrutura familiar.

Essa situação é reforçada quando Maria Fênix relata que encontrou no relacionamento um apoio que não recebia de sua mãe. Nota-se, em sua história, que a sua transição para a vida adulta a direcionou para um amadurecimento precoce e um aumento de suas responsabilidades na fase em que ela estava experimentando a juventude.

A relação matrimonial, para alguns jovens, demonstra ser um fato totalmente decisivo de transição para a vida adulta, ao assegurar-lhes uma autonomia pessoal que não era possível quando residia com os pais. No caso de Maria Fênix, isso pode ser percebido quando ela retoma o processo de escolarização após um período de vida conjugal, com projetos de vida definidos, com o intuito de conseguir mobilidade social. Os suportes afetivo e material representados por seu companheiro possibilitaram que essa jovem retornasse à trajetória de escolarização e ampliasse seu campo de autonomia frente a sua família.

Depois de certo tempo, essa jovem engravidou. Entretanto, o filho deles nasceu com necessidades especiais, devido a uma doença de origem genética:

Eu engravidei do meu filho; ele nasceu especial e com uma doença rara, e, então, não pude mais pensar em estudar; a minha vida era dedicada a ele.



Esses acontecimentos contribuiram para que Maria Fênix postergasse, mais uma vez, o retorno à vida escolar, pois seu filho necessitava de cuidados especiais e de atenção redobrada. Com o passar do tempo, a doença se agravou, apesar de todo o tratamento a que havia sido submetido. Ao completar oito anos de idade, ele faleceu, devido a complicações decorrentes da doença.

Nesse momento da entrevista, ao recordar a morte do filho, nos olhos de Maria Fênix, marejados de lágrimas, transparecia a tristeza que ela sentia. Por mais que aceitasse a perda do filho, as lembranças dele continuavam presentes. Desde o nascimento ela sabia, segundo o prognóstico do médico, que seu filho não viveria muito tempo, por isso buscou aproveitar todos os momentos ao lado dele, abrindo mão de seus projetos de vida.

Após aproximadamente um ano da morte do filho, essa jovem retornou aos estudos, incentivada por seu companheiro e amigos da igreja evangélica que frequenta.

Quando decidi voltar, o meu marido e as senhoras da igreja me deram maior força. [...] O pastor também, quando soube que eu estava estudando, falou: “É, irmã Maria Fênix, estuda porque a maioria das pessoas tem voltado depois de muito tempo, param e retornam depois de velhas, e elas têm conseguido um futuro melhor para suas vidas”. Eles têm me incentivado muito a voltar a estudar.

Outro fator importante que contribuiu para o retorno escolar foi a dificuldade encontrada em seu dia a dia para se comunicar com as pessoas. Ela sentia vergonha de falar, por não saber pronunciar as palavras corretamente:

Quando eu tinha o Daniel, eu falava que queria estudar tanto, mas eu não tinha condições por causa dele. Eu queria voltar estudar também, porque eu não sabia falar direito; eu tinha vergonha de falar errado; eu queria melhorar a minha fala e minha vida.

Após o retorno escolar, Maria Fênix também voltou a trabalhar em casa de família para ajudar na renda familiar, pois seu marido havia sido despedido do trabalho no supermercado. Ela relata que nunca teve oportunidade de participar de algum curso profissionalizante. Portanto, o único trabalho que conseguiu foi o de empregada doméstica, no qual trabalha três vezes por semana, recebendo, por mês, um salário mínimo.

Quanto às atividades realizadas em momentos de lazer ou em seu tempo disponível, Maria relata que não tem costume de passear nem possui hábitos culturais, como ir a cinema, museu, teatros ou outras atividades: “Eu e meu marido, a gente só sai pra lancha ou pra ir à casa da minha irmã e na igreja”.



O único lugar que ela frequenta constantemente é a igreja, considerada por Maria como uma opção de lazer. Em casa, em seu tempo livre, quando não está envolvida com os afazeres domésticos, o que mais gosta de fazer é ler a Bíblia, assistir à televisão e escutar músicas evangélicas: “Eu gosto muito de ler a Bíblia quando eu estou em casa, é o que mais faço; mas também vejo televisão e escuto músicas evangélicas”.

Ela narra que na igreja que frequenta existe uma senhora de idade bem superior à dela que estudou na EJA e, posteriormente, formou-se em técnica de enfermagem. O exemplo dessa senhora a desafia a prosseguir rumo à realização de seus objetivos. Observa-se, portanto, que a realização do projeto dessa senhora que apresenta uma realidade próxima à de Maria Fênix tem servido de modelo para que ela lute por seus projetos:

Tem uma senhora lá da igreja, bem mais velha, que falou que não era pra mim deixar de estudar, porque, hoje em dia, tudo que ela conseguiu foi através do estudo. Essa irmã tem me dado muita força, porque ela também conseguiu fazer o curso de enfermagem.

No caso de Maria Fênix, a igreja a ajudou a perceber o sentido da escola para a sua vida. As relações estabelecidas nesse lugar servem de apoio, motivando-a a permanecer na escola, não permitindo que ela desanime. Para Zanten (2000), os contextos não escolares ou os grupos informais frequentados pelos jovens interferem em sua vida escolar, tornando-se um espaço de entrada de valores, crenças, hábitos, dentre outros.

Velho (2003) destaca que é a partir dessas interações estabelecidas no meio social que os jovens passam a desenhar seus projetos. É por meio desses contatos que os jovens têm a possibilidade de adquirir ou redefinir seus projetos ou constroem novas perspectivas de futuro.

O meu projeto pro futuro, eu vou falar do meu filho de novo, porque através dele que me motivo a estudar. Eu quero, quando terminar a escola, fazer um curso pra ser enfermeira; eu gosto muito desta área por causa dele.

Na identificação dos fatos que motivaram esse retorno escolar, compreende-se que seu processo de escolarização representa um instrumento de alcance de sua realização pessoal e de transformação social, numa busca de conhecimento que a possibilite a satisfazer seus ideais e a melhoria de vida das pessoas que estão ao seu redor. Pertencer à igreja representa forte relação com a aspiração a novos conhecimentos por meio da instituição escolar.

Os jovens limitados ao espaço social em que estão envolvidos constroem projetos que se relacionam ao sentido que atribuem à vida cotidiana. Na maioria das vezes, esses projetos



se encontram interligados às experiências de vida e aos múltiplos contextos sociais a que eles pertencem.

Quando perguntada sobre as dificuldades que a impediriam de continuar estudando na EJA, ela responde que não tem encontrado dificuldade de relacionamento com os professores nem com os colegas de classe, pois a turma é muito unida e divertida. O único problema que ela identifica é o cansaço, devido à conciliação escola-trabalho, característica comum na realidade de muitos jovens brasileiros que precisam conciliar essa jornada.

Por não ter conseguido estudar na idade dita como adequada, Maria Fênix valoriza muito esse momento. Diante dos grandes problemas enfrentados em sua vida, ela não vislumbra nem um que possa dificultar a conclusão de seus estudos:

Eu estou achando muito bom estudar; eu estou aprendendo; posso me considerar, hoje, feliz, por ter conseguido chegar até aqui; por isso, não vou desistir.

Como salienta Abrantes (2003), a escola pode ser contemplada por interesses diversificados. Se para alguns ela é vista como lugar de repressão, autoritarismo e de segregação, para outros ela representa uma “ponte” em sua trajetória e na perspectiva de alcançar um futuro melhor. Constituindo, assim, um caminho para a mobilidade social e para se projetar para o futuro, por meio de novas perspectivas de vida.

3. Conclusões finais

Ao analisar os motivos do abandono escolar dessa jovem, percebi a existência de múltiplos fatores que dificultaram a permanência na escola que estão além da questão de inserção no mercado de trabalho. Cabe destacar a seguinte situação específica identificada na entrevista: falecimento do pai e conflitos familiares. Com a identificação desse fator, tornou-se evidente que seus problemas estavam relacionados a aspectos subjetivos ocorridos em momentos específicos no seu percurso biográfico, como também a obstáculos socialmente construídos que dificultaram a continuidade dos estudos.

Nesta entrevista o falecimento do pai aparece como principal responsável por seu abandono escolar. No entanto, o retorno escolar está inteiramente relacionado aos sentidos que essa jovem atribuem ao seu processo de escolarização. Essa jovem vivencia a situação presente na EJA como a possibilidade de prosseguir os estudos, a fim de alcançarem



realização pessoal e profissional. Isso se evidencia quando a jovem narra que os motivos que a leva permanecer na EJA se relaciona às suas projeções futuras.

Em suma, as suas narrativas enfatizam a EJA como meio de reconstruir suas vidas frente às situações que ocasionaram a interrupção escolar. Um espaço para ampliar suas potencialidades, para se sentirem reconhecidos e acolhidos pelos laços de sociabilidade ali estabelecidos. Entretanto, apesar da jovem contemplar a EJA como um lugar de recomeço, foi possível constatar a existência de múltiplos fatores ao longo dessa trajetória escolar que acabam motivando e dificultando a permanência nessa modalidade de ensino.

Portanto, é preciso persistir para que se desenvolva, na EJA, uma prática educativa que reconheça os jovens enquanto sujeitos de experiência, o que demanda dos professores uma postura de escuta, de reais interlocutores das narrativas de seus alunos, valorizando as experiências deles e seus saberes adquiridos na “escola da vida”.

Apesar da desvalorização das experiências dos jovens e do processo histórico de subalternização dos sujeitos que estão na EJA, que frequentemente chegam à modalidade com o rótulo de fracassados do ensino regular, acredito na possibilidade de construção de outros caminhos por meio de práticas educativas que compreendam as experiências dos jovens, assim como a de todos que compõem a EJA, como experiências legítimas. Essa caminhada de articulação entre as experiências dos jovens e a escola propõe “ações educativas que devem preparar para a vida, para uma nova vida, ao longo de toda a vida”, como aponta Fávero (2009, p.92).

Referências Bibliográficas

ABRANTES, Pedro. Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 41, p. 93-115, 2003.

ANDRADE, Eliane Ribeiro de. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (Orgs.). **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004a. p. 43-51.

ANDRADE, Eliane Ribeiro de. **A educação de jovens e adultos e os jovens do “último turno”**: produzindo *outsiders*. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004b.

FÁVERO, Osmar. Lições da história: os avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições do analfabetismo no Brasil. In:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (Orgs.). **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 14-15.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANUCCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 304 p. p. 180-216.

HADDAD, Sergio. **Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília: INEP/MEC, 2002. [Série Estado do Conhecimento n. 8].

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização em famílias das camadas populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 19-43.

ZANTEN, Agnès Van. Cultura da rua ou cultura da escola? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 23-52, jan./jun. 200.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina